

DEMÔNIOS DE ALUÍSIO AZEVEDO: HORROR E FILOSOFIA

DEMONS BY ALUÍSIO AZEVEDO: HORROR AND PHILOSOPHY

Recebido: 14/05/2020 | Aprovado: 04/06/2020 | Publicado: 10/07/2020.

DOI: <https://doi.org/10.18817/rlj.v4i1.2240>

Ingrid Piauilino¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6303-3411>

Rafael Pinheiro²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0750-133X>

Resumo: O objetivo do presente trabalho consiste em compreender a relação entre os elementos gótico, fantástico e naturalista no conto *Demônios*, de Aluísio Azevedo, no qual retrata-se a trajetória do narrador/ personagem, no Rio de Janeiro permeado pela escuridão e silêncio, ambientação notadamente marcada por lama, lodo e pessoas mortas. Além disso, busca-se apontar a posição do conto no contexto da literatura brasileira do final do século XIX. Para tanto, no primeiro momento, busca-se inserir o conto *Demônios* no contexto literário brasileiro do século XIX com o objetivo de destacar sua excepcionalidade. Em seguida, aborda-se como os elementos românticos, góticos e fantásticos são construídos visando reforçar as principais tópicos do Naturalismo. Por fim, propõe-se uma interpretação alternativa às principais existentes sobre o texto – como a exaltação do amor romântico e do escapismo –, as quais tornam *Demônios* como marginal em relação à obra caracterizada como canônica, além da crítica literária tomar sua construção como “falha de composição”, o que atrapalha a caracterização de seu naturalismo. A presente pesquisa conclui que os aspectos românticos não são subterfúgios estéticos ou falhas de composição, mas sim recursos estético-literários utilizados para ressaltar posições filosófico-literárias do próprio naturalismo.

Palavras-chave: Aluísio Azevedo. Naturalismo. Gótico. Fantástico.

Abstract: the aim of this work is to understand the relationship between the gothic, fantastic and naturalist elements in the tale *Demons* by Aluísio Azevedo, in which the narrator/character's trajectory is portrayed in Rio de Janeiro permeated by darkness and silence, notably marked by mud, silt and death people. In addition, it seeks to point out the position of the short story in the contest of Brazilian Literature at the end of the 19th century with the aim of highlighting its exceptionality. Then, it is approached how the romantic, gothic and fantastic elements are constructed in order to reinforce the main topics of Naturalism. Finally, it is proposed an alternative interpretation to the main ones existing in the text – such as the exaltation of romantic love and escapism –, that takes *Demons* as marginal in relation to the work characterized as canonical, also the literary criticism takes its construction as a “failure of composition”, which disturbs the characterization of its naturalism. This research concludes that the romantic aspects are not aesthetic subterfuges or flaws in composition, but aesthetic-literary resources used to highlight philosophical-literary positions of naturalism itself.

Keywords: Aluísio Azevedo. Naturalism. Gothic. Fantastic.

¹ Graduanda em Letras- Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas, pela Universidade Estadual do Maranhão. Além disso, monitora de Língua Inglesa no NUCLIN – UEMA. E-mail: ingridpiauilino@hotmail.com

² Graduado em Filosofia/UFMA. Mestre em Ética e Epistemologia/UFPI. Doutorando em filosofia/UFBA. Atualmente pesquisa a relação entre filosofia e literatura no pensamento de Jean-Paul Sartre. E-mail: rafael.pinheiro2306@gmail.com

Onde se situava a verdade? Sobre a terra ou na eternidade? Sentia-me dividida. (...) é no seio do mundo que pensamos o mundo. Se alguns escritores escolheram reter apenas um desses dois aspectos da nossa condição erguendo assim barreira entre a literatura e filosofia, outros, pelo contrário, procuram desde há muito exprimi-lo na sua totalidade.

- Simone de Beauvoir

Introdução

De acordo com Sade (2000), o termo romance surge para designar todas as obras que eram escritas na língua romana, as quais, usualmente, tratavam-se de superstições ou casos de amor. Assim, com o passar das décadas e em decorrência do declínio das epopeias, tal gênero é escolhido pela burguesia a fim de atender às demandas culturais e intelectuais dessa, ou seja, tornou-se “porta-voz de suas ambições, desejos, vaidades, e, ao mesmo tempo e, sobretudo, ópio sedativo ou fuga da materialidade diária, (...), oferecendo-lhes a própria existência artificial e vazia como espetáculo.” (MOISÉS, 1973, p.188.)

Visto isso, ressalta-se a pouca instrução erudita por parte dessa nova classe social, a qual necessitava de um aporte literário não somente para se estabelecer como a próxima aristocracia e ter sua vida retratada, mas também com o propósito recreativo, isto é, uma leitura de idealizações que retirasse o indivíduo, em especial as mulheres, de sua realidade simplória em sentidos existenciais – a ausência de grandes aventuras ou amores.

Nesse sentido, o romance estabelece uma relação de supremacia no que tange às outras áreas, dado que esse

Aborda todos os assuntos, escreve a história, trata de Fisiologia e de Psicologia, sobe até a poesia mais elevada, estuda as questões mais diversas, a política, a Economia social, a religião, os costumes. (...). A verdade é que as obras-primas do romance contemporâneo dizem muito mais sobre o homem e sobre a natureza do que graves obras de Filosofia, de História e de Crítica. (ZOLA, 1982, p.103)

Portanto, todas as ciências buscam no romance o real reflexo no que tange aos verdadeiros anseios presentes no homem e, uma vez que a Filosofia trata

essencialmente da compreensão acerca do que é humano e a procura pelo conhecimento, ambos assentam paralelos comuns. Outrossim, o romance

É tão essencial quanto a história, pois o cinzel da história só grava o que o homem deixar ver, e, então, já não se trata mais dele. A ambição, o orgulho, cobrem sua frente com uma máscara que nos representa apenas essas duas paixões, não o homem. O pincel do romance, ao contrário, capta-o no interior... pega-o quando ele retira sua máscara, e o esboço, bem mais interessante, é também mais verdadeiro: eis a utilidade dos romances. (SADE, 2000, p.15)

Dessa forma, é nele que o filósofo poderá ampliar os questionamentos e reflexões sobre as ações e pensamentos do sujeito, pois os textos literários apresentam a humanidade em sua completude, desde as atitudes mais pífias até as perversas e, por isso, o homem não pode simular quem é.

Em relação ao elemento gótico, no Brasil do século XIX, esse estava atrelado a “uma versão mais suave do romantismo. A junção desses dois tipos aparecerá em incontáveis folhetins, formatando um modelo ficcional em que o soturno e o suave convivem por vezes medindo forças.” (ESTEVES, 2014, p.125). Quanto ao sistema de publicação em folhetim ou o chamado “romance sentimental”, Vidal (1996) comenta sobre a necessidade burguesa de “uma fuga do dia a dia cinzento da vida social e do racionalismo que começava a ditar a vida, preferindo sonhar com falsos castelos do que com casas de comércio, como diz o crítico Otto Maria Carpeaux” (VIDAL, 1966, p.8), por isso, é notória a convergência entre esse tipo de divulgação literária e o gótico. Assim, visto a aversão dos leitores em relação aos ideais iluministas, o romance gótico manifesta o sombrio, terror e delírio, os quais se opõem à luz, razão e lucidez, ou seja,

É o romance dos espectros em castelos arruinados, de mocinhas presas em cárceres subterrâneos por criminoso, de monges desenfreadamente debochados, uma caricatura do mundo medieval, (...) é o país de todas as novidades – da poesia da natureza e da noite dos túmulos, do romance sentimental e do romance “gótico” é a Inglaterra. (CARPEAUX, 1987, p.160)

Além dessa convergência, é importante elucidar sobre outro elemento, o fantástico, que é construído pela incerteza do leitor em relação à origem de fatos

ou seres sobrenaturais, isto é, o mundo real segue determinadas leis naturais acerca da realidade, as quais podem ter sido rompidas ou permanecem iguais e, nesse caso, a justificativa se dá pela alucinação. Em suma, “ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário, ou existe realmente, como outros seres, com a diferença de que rara vez o encontra. O fantástico ocupa o tempo desta incerteza.” (TODOROV, 1975, p.15)

Levando isto em consideração, o presente artigo pretende apontar, dentre outros aspectos, a presença dos elementos gótico, romântico e fantástico, tal como se apresentam no conto *Demônios*, de Aluísio Azevedo, particularmente o modo como se aglutinam em função da perspectiva estética e filosófica do naturalismo, ainda que “a produção dita canônica (...) exclui ou atribui valor insignificante a obras de autores que ocupam seu panteão.” (MENON, 2007, p. 240), ou seja, outras produções de Azevedo, como o *corpus* desta pesquisa, são isoladas diante das obras renomadas dele. Isso também pode ser justificado pelo preconceito em relação a certos elementos românticos presentes no conto, seja pela primeira veiculação dele que se deu por folhetins ou pelos atributos emotivos que “não são entendidos como recursos expressivos escolhidos por Aluísio para atingir determinados efeitos estéticos, e sim como falhas de composição que atrapalham a caracterização de seu Naturalismo.” (SENA, 2017, p.102)

Tendo em vista as explicações acima, o presente trabalho visa uma outra perspectiva de interpretação, pois considera que os aspectos românticos não são subterfúgios estéticos ou falhas de composição, mas sim recursos estético-literários utilizados para ressaltar posições filosófico-literárias do próprio naturalismo, tal como demonstraremos adiante, quando nos referirmos à passagem do amor transcendente ao amor reduzido aos impulsos.

Assim, no primeiro momento, busca-se inserir o conto *Demônios* no contexto literário brasileiro do século XIX com o objetivo de destacar a excepcionalidade desse texto. Em seguida, aborda-se como os elementos românticos, góticos e fantásticos são construídos no texto a fim de propiciar os princípios do Naturalismo. Por fim, pretende-se compreender como a relação entre filosofia e literatura é estabelecida no conto. Para tanto, utilizou-se da metodologia de pesquisa bibliográfica e qualitativa, dado que essas possibilitam uma maior reflexão no que tange a essas temáticas.

Literatura gótica no Brasil

Em oposição aos moldes classicistas, a produção literária do século XIX no Brasil é construída pelo movimento romântico, o qual se destaca pelo individualismo e liberdade estética. No que concerne à segunda geração, há uma forte influência inglesa, isto é, Lorde Byron, o qual foi “o responsável pelo encontro de intelectuais em uma residência de verão na Suíça que está na origem de (...) O Vampiro, de John Polidori, e Frankenstein, de Mary Shelley. Aqui no Brasil (...) ele também inspirou alguns de nossos mais conhecidos escritores.” (MARTINS, 2019, p.12)

Por conseguinte, temáticas como o sentimentalismo exacerbado, boemia, delírio, tom macabro e escapismo são características centrais nos textos dos ultrarromânticos como Álvares de Azevedo, os quais, portanto,

Substituem o amor-medo, feminoide, pelo amor doentio, vicioso, fruto de neuroses ou de “paraísos artificiais”; transformam a melancolia em visão da morte, ao mesmo tempo desejada e temida; procuram evadir-se do “mal do século” pela deserção da vida, (...), encarnam o próprio dilema romântico, no qual a luta entre imanência e transcendência termina sempre de forma apocalíptica. (MOISÉS, 2012, p. 516)

Dessa forma, nota-se que os aspectos essenciais da geração dos “malditos”, seja na poesia ou prosa, assemelham-se aos elementos góticos. Contudo, a crítica literária brasileira demonstra dificuldade em assentir sobre tal similitude, pois considera os textos góticos como imitações dos padrões europeus, os quais não visam o patriotismo estético e, portanto, são tratados à margem.

Visto isso, Aluísio Azevedo, escritor maranhense canonizado pela obra *O Cortiço*, apresenta essa convergência entre romantismo e gótico no conto *Demônios*, o qual é permeado por aspectos românticos dado o sentimentalismo exacerbado entre o jovem escritor e a sua noiva Laura; góticos ao ambientar a narrativa; fantásticos pela incerteza que causa no leitor em relação à realidade dos fatos e naturalistas por meio do determinismo e cientificismo presentes em tal texto, questões a serem tratadas pormenorizadamente a seguir. Contudo, ainda que o

conto expresse uma produção inusitada, “o espaço a ele destinado nas histórias da literatura brasileira nos mostra o quanto esse gênero foi pouco examinado e freqüentemente subestimado pela crítica literária e pelo leitor comum.” (CARVALHO, 2011, p.4). Percebe-se, assim, que novamente a existência do gótico é ignorada e nisso se dá a importância desta pesquisa, a qual se propõe a ampliar as discussões sobre aspectos esquecidos nos debates literários, além de apresentar uma nova proposta interpretativa que percebe em todos os recursos aplicados à redução do homem aos extintos primários.

Entre o gótico e fantástico

A narrativa de *Demônios*, realizada pelo narrador-personagem, apresenta a história de um jovem escritor que vive em uma pensão no Rio de Janeiro. Esse, em certa noite, acorda com insônia e começa a escrever, tal ato se dá por uma inspiração, contudo, essa não advém das musas ou de algum ser divino, ele relata que³

Depois, tal febre de concepção se apoderou de mim, que perdi a consciência de tudo e deixei-me arrebatado por ela, arquejante e sem fôlego, num arranco violento, que me levava de rastros pelo ideal, aos tropeços com as minhas doudas fantasias de poeta. E páginas e páginas se sucederam. E as ideias, que nem um bando de demônios, vinham-me em borbotão; e as frases e as imagens acudiam-me como relâmpagos, fuzilando, já prontas e armadas da cabeça aos pés. E eu, sem tempo de molhar a pena, nem tempo de desviar os olhos do campo de combate, ia arremessando para trás de mim, uma após outra, as tiras escritas, suando, arfando, sucumbindo nas garras daquele feroz inimigo que se aniquilava. (AZEVEDO, 2019, p.230)

Logo, o protagonista é inspirado por demônios o que confirma as tendências românticas de aversão aos padrões canônicos, da busca pela liberdade criativa e da aproximação com o sombrio. Além de instaurar os elementos góticos que, em seguida, provocam o ambiente de terror na história. Isso pode ser

³ Platão, na obra *Íon*, retrata o entusiasmo poético ao defender que belos poemas são escritos com a inspiração das Musas, assim, o poeta adentra em um estado de possessão divina e, somente por meio desse processo de anulação das faculdades mentais, o *aedo* é capaz de atingir uma poesia com valor artístico. Portanto, “o poeta nada mais é do que uma marionete, um títere inconsciente que dá voz a cantos, que, em muito, suplantam a sua condição mortal.” (JARESKI, 2010, p.292). Dessa forma, o filósofo rompe com a antiga compreensão tecnicista acerca da poesia e implanta ideais divinos em relação a essa. Isso é mantido na segunda geração do Romantismo, ainda que alguns escritores como Aluísio elejam um ser em antítese ao divino, isto é, demônios.

observado quando ele, depois de notar que o dia ainda não havia amanhecido e seu relógio não funcionava mais, decide procurar por alguém acordado, assim:

No segundo andar morava um médico; resolvi bater de preferência à porta dele.
Fui e bati; mas ninguém me respondeu.
Bati mais forte. Ainda nada.
Bati então desesperadamente, com as mãos e com os pés. A porta tremia, abalava, mas nem o eco respondia.
Meti os ombros contra ela e arrombei-a. O mesmo silêncio. Espichei o pescoço, espiei lá para dentro. Nada consegui ver; a luz da minha vela iluminava menos que a brasa de um cigarro.
Esperei um instante.
Ainda nada.
Entrei. (AZEVEDO, 2019, p.232)

Dessa forma, além de destacar a preferência do narrador em ir até o quarto do médico, o qual representa o saber científico que poderia explicar a situação, tem-se também o gótico como um efeito que induz ao terror e medo na narrativa tal como suscita o macabro e horrendo. É nesse sentido que Lovecraft (2008) defende que o terror é estabelecido:

Não pela intenção do autor, nem pela pura mecânica da trama, mas pelo nível emocional que ela alcança (...) um conto é fantástico muito simplesmente se o leitor experimenta profundamente um sentimento de temor e de terror, a presença de mundos e poderes insólitos (LOVECRAFT, 2008, p. 17)

Assim, Azevedo, por meio das sentenças curtas e pausadas pela pontuação, instaura o sentimento de medo no leitor que se encontra aflito bem como a personagem desesperada, afinal ambos não compreendem os motivos que levam à escuridão total e à morte de tantas pessoas. E, aos poucos, descobre-se que o tempo, som e luz não existem mais, ocasionando, por consequência, um espaço de terror e dúvida. Portanto, o conto é repleto de ambiguidades, logo, não oferece certeza ao leitor, mas apresenta sim diversos indícios sobre o fator dúbio em relação aos acontecimentos. Isso é notório em diversos trechos, quando questiona-se sobre o quão confiáveis são os sentidos e se clama a Deus por ajuda. Em suma, são dois os artifícios essenciais para a construção do fantástico no texto. Em primeiro lugar, o rapaz, ao iniciar o processo de escrita, é inserido em uma espécie de transe:

De repente, acordo dessa vertigem, como se voltasse de um pesadelo estonteado, (...), ao lado da minha cama havia um monte de folhas de papel cobertas de tinta; as velas bruxuleavam a extinguir-se; o meu cinzeiro estava pejado de pontas de cigarro. (AZEVEDO, p.231)

Desse modo, “um monte de folhas” pode ser o próprio conto apresentado ou ser um outro texto dentro desse mundo ficcional.

Em segundo lugar, no último capítulo, o narrador revela que todas as desventuras vividas pelos protagonistas já apresentados, nada são além de uma história escrita numa noite de insônia, entretanto, essa assertiva impõe mais indeterminação acerca da autenticidade de *Demônios*.

Nesse sentido, constata-se a grande rede de conexões entre todos esses elementos, a existência do fantástico propicia o gótico que, por consequência, propõe o medo e terror na narrativa e todos esses estão em volta do amor entre um escritor carioca e Laura. Entretanto, esse entrelace amoroso é utilizado como um subterfúgio, em outras palavras, o que primariamente seria um típico romance burguês, na verdade se mostra como uma grande defesa naturalista, pois o amor é reduzido aos extintos e desejo sexual.

A filosofia naturalista em *demônios*

Como foi visto, a existência do sentimento amoroso no conto tal como os exageros comuns do Ultrarromantismo constitui a estratégia de Azevedo em criticar esse movimento literário. Assim, esse texto não é um desvio de sua produção ou apresenta falhas de composições, pois todos os componentes da narrativa são meticulosamente colocados a fim de defender os ideais naturalistas: o amor romântico é diminuído aos anseios carnaís; o homem perde seus sentidos e é reduzido ao animalesco; o fatalismo na vida dos amantes, como será visto em seguida.

Também, o fantástico é posto para provocar a dubiedade no leitor, além de promover o medo pela perda de sentidos, dado que a iluminação e sonoridade não existem mais e não há explicação alguma para esse fato. Isso ocasiona o aniquilamento da maior orientação do homem moderno: o tempo e, por isso, o

protagonista expressa seu desespero e angústia, pois o tempo não poderia ser dividido ou contado, e, portanto, o discernimento acerca da passagem temporal é perdido, em outras palavras, não há separação entre passado, presente e futuro, visto que todos os dias pareceriam iguais.

A partir dessa ausência de guias basilares para a vida humana, inicia-se o processo de redução do homem aos extintos naturais. Dessa forma, o amor é inicialmente apresentado, em *Demônios*, como um sentimento profundo e valoroso de caráter transcendente, contudo as necessidades biológicas do ser humano são sobrepostas a ele:

Mas a fome torturava-me cada vez mais com fúria. Era impossível levar mais tempo sem comer. Antes de socorrer o coração era preciso socorrer o estômago. A fome! O amor! Mas, como todos morriam em volta de mim e eu pensava em amor e eu tinha fome!... A fome, que é a voz mais poderosa do instinto da conservação pessoal como o amor e a garantia da vida; os dois inalteráveis polos do eixo em que, há milhões de séculos, gira misteriosamente o mundo orgânico! (AZEVEDO, 2019, p.235)

Na verdade, já se distanciando da descrição romântica, Aluísio apresenta uma perspectiva do amor pautado nas tópicas naturalistas, ao citar que a garantia da vida se dá pela reprodução e o mundo orgânico gira em torno dela. Tal característica de redução é igualmente marcante no livro *A Carne* de Júlio Ribeiro, no qual o amor é submisso às urgências da carne, o que também ocorre no conto em questão. Portanto, o desespero do narrador-personagem em procurar sua amada e descobrir se essa ainda vive, é um artifício usado por Azevedo a fim de demonstrar que as exigências do corpo estão acima do sentimento amoroso, dado que o protagonista se abasta de comida e bebida antes de ir até sua noiva. Além disso, também aponta o horror humano, uma vez que mesmo no meio de defuntos em estado de decomposição, o jovem se alimenta e não expressa pesar com a morte dos companheiros de pensão.

Ao entrar na casa de Laura, tem-se novamente as características ultrarromânticas de elevação da mulher e do amor transcendente, pois o personagem demonstra pudor ao entrar no quarto dela e grande sofrimento quando acredita que essa está morta. Entretanto, Laura ressuscita ao ser beijada por seu

noivo⁴ e, em seguida, eles decidem partir em uma caminhada até o mar, onde cometeriam suicídio. Esses aspectos românticos, contudo, são um meio para a crítica voraz de Azevedo, uma vez que o amor puro deles é transformado em desejos sexuais. Assim, a amada, antes virginal e recatada, tem a iniciativa de excitar seu companheiro para atender às suas ânsias físicas, como se pode perceber no trecho abaixo:

Laura atirava-se contra mim, numa carícia selvagem e pletórica, apanhando-me a boca com os seus lábios fortes de mulher irracional e estreitando-se comigo sensualmente, a morder-me os ombros e os braços, como se me quisesse acordar os desejos da carne. (...) amando-nos com toda a força dos nossos impulsos; para sempre esquecidos um do outro, como os dois últimos parasitas do cadáver de um mundo. (AZEVEDO, 2019, p.257)

Em suma, o relacionamento romântico que deveria ser idealizado e divino é reduzido ao sexo, expressando novamente a estratégia do autor em apresentar as concepções do Romantismo com o propósito de criticá-las, dado que o Naturalismo possui “personagens reais, a história verdadeira de cada um, o relativo da vida cotidiana. Tratava-se de recomeçar tudo, de conhecer o homem nas próprias fontes de seu ser, antes de concluir à maneira dos idealistas, que inventam tipos.” (ZOLA, 1986, p.92) e defende que “o homem não é mais uma abstração intelectual, a natureza o determina e o completa” (ZOLA, 1986, p.92).

No que tange ao papel de Aluísio Azevedo como escritor, ele se distancia da descrição “realista” e “fiel” da realidade, a qual era defendida pelos naturalistas, na medida em que cria um ambiente fantástico no conto e por isso recebe diversas críticas negativas sobre essa produção inicial, a qual é classificada como inferior. Porém, a crítica literária não considerou o objetivo do autor em alcançar as tópicas desse movimento literário, ou seja, defender o determinismo social e evolucionismo de Darwin pelo uso do atributo fantástico.

Para tanto, os protagonistas, ao longo da narrativa, experimentam mutações físicas, perdem as faculdades mentais de raciocínio e são transfigurados em animais até não serem nada além de átomos, logo passam pela seleção natural que acolhe somente os mais adaptáveis, como explica Taine (1866):

⁴ Essa breve cena de necrofilia também é uma característica presente na obra *Noive na Taverna* de Álvares de Azevedo.

Por observações e raciocínios análogos, historiadores podem estabelecer que em qualquer grupo humano, indivíduos que alcançam a mais alta autoridade a um amplo desenvolvimento são aqueles cujas aptidões e inclinações são as melhores em seus grupos; que o ambiente moral como o ambiente físico atua em cada indivíduo por estímulo e repressão contínuos. (TAINÉ, 1866, p.31. - tradução nossa.)⁵

Assim, o espaço inóspito é construído para possibilitar o processo de evolução em rumo ao nada, no qual os noivos para sobreviver se adaptam, até chegar à matéria básica.

Considerações finais

Foi possível constatar, no presente artigo, que *Demônios*, de Aluísio Azevedo foi marginalizado pela crítica literária, a qual considerou os aspectos românticos e fantásticos como falhas de composição, bem como teve seu elemento gótico negligenciado pelas diversas interpretações existentes. Nesse sentido, buscou-se apresentar uma nova interpretação do conto, na medida em que, diferente da crítica existente, a presença do gótico, do fantástico e do romântico são analisados como meios pelos quais o escritor procurou construir uma literatura fundamentada nos pressupostos estéticos e filosóficos do naturalismo. No que diz respeito ao elemento fantástico, o que em outras interpretações soou como defeitos de narrativa, isto é, sua ambiguidade, revelou-se como recurso literário intencionalmente utilizado para produzir a incerteza no leitor. O elemento gótico, tal como apontado, apresenta-se na ambientação da narrativa, nas descrições sobre a escuridão e o lodo. Por fim, os elementos românticos que aparentemente denotam uma falha de composição, na verdade, constituem um artifício do autor, como no caso do amor, para desconstruir o transcendentalismo, reduzindo-o à materialidade dos instintos, de acordo com a estética e a filosofia naturalista.

⁵ Par, des observations et un raisonnement analogues, les historiens peuvent établir que dans un groupe humain quelconque, les individus qui atteignent la plus haute autorité et le plus large développement sont ceux dont les aptitudes et les inclinations correspondent le mieux à de leur groupe; que le milieu moral comme le milieu physique agit sur chaque individu par des excitations et des répressions continues. (TAINÉ, 1886, p.31)

Referências

AZEVEDO, Aluísio. Demônios. In: MARTINS, Romeu. *Medo Imortal*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2019.

BEAVOIR, Simone de. *O Existencialismo e a sabedoria das nações*. Lisboa: Editora Minotauro, 1965.

BEZERRA, Vinícius Pereira. *Fronteiras do erótico: ensaio sobre a correlação entre espaço e erotismo n' O Cortiço de Aluísio Azevedo*. 2012. Orientador: Profa. Dra. Marize Helena de Campos. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

CARVALHO, Patrícia. “Demônios”: O Fantástico em Aluísio Azevedo. [200?] Disponível em: <https://sobreomedeo.files.wordpress.com/2011/01/carvalho-patrc3adcia-alves-demc3b4nios-o-fantc3a1stico-em-aluc3adsio-azevedo.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. v.5. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987.

_____, Otto Maria. *O Realismo, o Naturalismo, o Parnasianismo por Carpeaux: o romance burguês, darwinismo e fatalismo, o romance psicológico, o século XIX*. Rio de Janeiro: LeYa, 2012.

ESTEVES, Lainister de Oliveira. *Literatura nas sombras: usos do horror na ficção brasileira do século XIX*. Orientador: Profa. Dra. Andrea Daher. 2014. 250 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://sobreomedeo.files.wordpress.com/2014/06/28072014.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.

GOMES, Livia Fernanda Diniz. *O fantástico em Aluísio Azevedo e Coelho Neto: análise dos contos Demônios e A Bola*. Orientador: Profa. Dra. Naiara Sales de Araújo Santos 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018. Disponível em: <https://tede2.ufma.br/jspui/bitstream/tede/2278/2/LiviaGomes.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.

JARESKI, Krishnamurti. A inspiração poética no Íon de Platão. *Kínesis-revista de Estudos dos Pós-graduandos em Filosofia*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 284-305, abr. 2010. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/kinesis/article/view/4351>. Acesso em: 30 mar. 2020.

LOVCRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural em literatura*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

MARTINS. Romeu. *Medo Imortal*. Rio de Janeiro: DarkSide, 2019

Moisés, Massaud. *A criação literária: prosa*. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____, Massaud. *A História da Literatura brasileira: das origens ao Romantismo*. São Paulo: Cutrix, 2012.

MENON, Mauricio Cesar. *Figurações do gótico e de seus desdobramentos na literatura brasileira de 1843 a 1932*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007.

SADE, Maquês de. *Os crimes do amor e a arte de escrever ao gosto do público*. Porto Alegre: LPM, 2000.

SENA, Marina. Sombras no romance experimental: o decadentismo de Aluísio Azevedo. In: SILVA, Alexander Meireles da. *et al.* (org.). *Estudos Góticos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017. p. 99-110. Disponível em: http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/Livro_Estudos_do_gotico_ff.pdf#page=100. Acesso em: 02 abr. 2020.

TAINÉ, Hippolyte-adolphe. *Essais de critique et d'histoire*. 2. ed. Paris: L. Hachette, 1866.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VIDAL, José. Apresentação. In: WALPOLE, H. *O Castelo de Otrando*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

ZOLA, Emile. *O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.